

200

crônicas escolhidas



RUBEM BRAGA

200

crônicas escolhidas

Atualizada com os últimos livros do cronista

Seleção e prefácio • André Seffrin

São Paulo
2024

global
editora

© Espólio Roberto Seljan Braga, 2023

1ª Edição, Global Editora, São Paulo 2024

Jefferson L. Alves – diretor editorial
Gustavo Henrique Tuna – gerente editorial
Flávio Samuel – gerente de produção
André Seffrin – coordenação editorial
Equipe Global Editora – produção editorial e gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braga, Rubem, 1913-1990
200 crônicas escolhidas / Rubem Braga ; seleção e prefácio
André Seffrin. – 1. ed. – São Paulo : Global Editora, 2024.
ISBN 978-65-5612-530-5
1. Crônicas brasileiras I. Seffrin, André. II. Título.

23-175452

CDD-8869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 8869.8

Cibete Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

global
e d i t o r a

Global Editora e Distribuidora Ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999

e-mail: global@globaleditora.com.br



grupeditorialglobal.com.br



[@globaleditora](https://twitter.com/globaleditora)



[/globaleditora](https://www.facebook.com/globaleditora)



[@globaleditora](https://www.instagram.com/globaleditora)



[/globaleditora](https://www.youtube.com/globaleditora)



[/globaleditora](https://www.linkedin.com/globaleditora)



blog.grupeditorialglobal.com.br

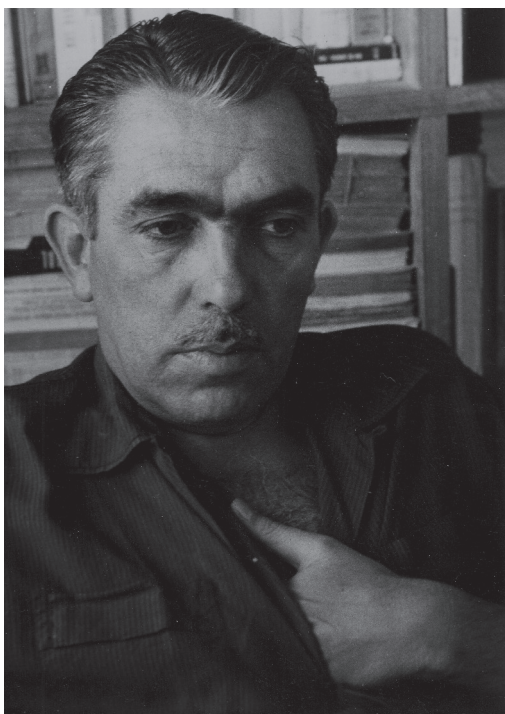
Direitos reservados.

Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **4521**

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa - RJ.



Rubem Braga

SUMÁRIO

Estas duzentas <i>escolhidas</i> – <i>André Seffrin</i>	17
O conde e o passarinho	21
Sentimento do mar	23
A empregada do doutor Heitor	26
Batalha no Largo do Machado	29
O conde e o passarinho	33
Chegou o outono	35
Véspera de São João no Recife	37
Luto da família Silva	41
Morro do Isolamento	43
Almoço mineiro	45
Mar	47
Coração de mãe	49
Nazinha	54
Os mortos de Manaus	57
Crônicas da Guerra na Itália	63
A menina Silvana	65
Cristo morto	69
Um pé de milho	73
Eu e Bebu na hora neutra da madrugada	75

Foi uma senhora	80
Aula de inglês	82
Passeio à infância	85
A companhia dos amigos	87
Um pé de milho	89
Dia da Marinha	90
Conversa de abril	93
Não mais aflitos	96
Da praia	99
História do corrupião	101
História do caminhão	109
Os ficus do Senhor	114
Aventura em Casablanca	118
Fim da aventura em Casablanca	121
Verdadeiro fim da aventura em Casablanca ...	124
Louvação	127
Receita de casa	129
Eu, Lúcio de Santo Graal	132
Sobre o vento Noroeste	134
História de São Silvestre	137
Em Cachoeiro	143
As velhinhas da Rue Hamelin	146
O homem rouco	149
Sobre o amor, etc.	151
Sobre o inferno	154

Lembrança de um braço direito	157
Biribuva	162
O homem rouco	167
Procura-se	169
Histórias de Zig	171
Aconteceu com Orestes	176
Conto de Natal	180
A secretária	183
Uma lembrança	185
Os romanos	188
Pedaços de cartas	190
O barco <i>Juparanã</i>	193
O motorista do 8-100	196
O vassoureiro	198
A visita do casal	200
Os saltimbancos	202
O funileiro	204
O jabuti	206
Nascem varões	208
A borboleta amarela	211
A que partiu	213
A navegação da casa	215
Dona Teresa	218
Pedaço de pau	220
Marcha noturna	222

O afogado	224
A velha	227
O sino de ouro	229
A morta	231
Queda do Iguaçú	233
Força de vontade	235
O telefone	237
A praça	239
O senhor	241
Quermesse	243
Os jornais	245
Quinca Cigano	247
Partilha	249
Manifesto	251
Do Carmo	253
Natal	255
Imigração	257
No mar	259
A viajante	261
Mangue	263
Cinelândia	265
Um sonho	267
Os amantes	269
Os perseguidos	272
A borboleta amarela	274
Visão	278

A grande festa	280
A equipe	282
Impotência	283
O verão e as mulheres	285
Opala	287
Homem no mar	288
Recado ao senhor 903	290
Lembranças	292
Madrugada	294
O homem dos burros	296
O verão e as mulheres	297
Galeria Cruzeiro	299
O jovem casal	301
O morto	303
O outro Brasil	305
A Revolução de 30	307
Neide	309
A feira	311
Mãe	313
A casa das mulheres	316
A casa dos homens	317
Caçada de paca	319
O lavrador	321
Cajueiro	322
Rita	323

Buchada de carneiro	324
O gesso	326
Ai de ti, Copacabana!	329
As luvas	331
Os amigos na praia	333
O padeiro	334
A casa	336
Fim de semana na fazenda	337
Sobre o amor, desamor... ..	340
São Cosme e São Damião	342
A primeira mulher do Nunes	344
A mulher esperando o homem	348
Coisas antigas	351
Desculpem tocar no assunto	353
Ai de ti, Copacabana!	355
Homenagem ao sr. Bezerra	358
Um mundo de papel	360
Sizenando, a vida é triste	362
Lembranças da fazenda	364
Ele se chama Pirapora	366
Viúva na praia	369
História triste de tuim	371
Bilhete a um candidato	374
Entrevista com Machado de Assis	376
O pavão	379

Os trovões de antigamente	380
Natal de Severino de Jesus	382
Montanha	384
Ardendo sobre o rochedo	385
A tartaruga	387
Quarto de moça	388
A Deus e ao Diabo também	389
Visita de uma senhora do bairro	391
A palavra	393
O homem e a cidade	394
A minha glória literária	396
Quem sabe Deus está ouvindo	398
É domingo, e anoiteceu	400
História de pescaria	402
A traição das elegantes	405
O mistério da poesia	407
Conversa de compra de passarinho	409
Os embrulhos do Rio	411
O mato	413
O compadre pobre	415
Um sonho de simplicidade	417
Os Teixeiras moravam em frente	419
As Teixeiras e o futebol	421
A vingança de uma Teixeira	423
A casa viaja no tempo	425

Lembranças	427
Nós, imperadores sem baleias	429
Não ameias à distância!	431
Ao crepúsculo, a mulher... ..	433
O crime (de plágio) perfeito	435
As pitangueiras d'antanho	437
Pescaria de barco	439
Aquele folheto perdido	440
Meu ideal seria escrever... ..	442
Uma certa americana	444
Marinheiro na rua	446
A moça chamada Pierina	448
Monos olhando o Rio	450
Apareceu um canário	452
Os pobres homens ricos	454
Moscas, e teto azul	456
Lembrança do compadre Joaquim	458
Pessoas que acontecem	460
Negócio de menino	462
Em Roma, durante a guerra	464
A mulher e seu passado	466
Mestre Aurélio entre as palavras	467
A traição das elegantes	468
200 crônicas escolhidas (1977)	471
Os sons de antigamente	473

Recado de primavera	475
O macuco tem ovos azuis	477
O chamado Brasil brasileiro	479
A rainha Nefertite	482
Recado de primavera	484
Onde nomeio um prefeito	485
Gaita de foles e “Maringá”	488
O doutor Progresso acendeu o cigarro na Lua	490
Em Portugal se diz assim	493
A grande mulher internacional	498
As boas coisas da vida	501
Lembrança de Cassiano Ricardo	503
O enxoval da negra Teodora	505
Aproveite sua paixão	510
O verdadeiro Guimarães	512
Por quem os sinos bimbam	514
O sr. Alberto, amigo da natureza	517
Origem das crônicas	519
Sobre o autor	523
Sobre o selecionador	525

ESTAS DUZENTAS *ESCOLHIDAS*

Rubem Braga escrevia seus textos num puxa-puxa que sempre encantou Manuel Bandeira. Por puxa-puxa devemos entender esse estilo meio gaiato de palavra-puxa-palavra, numa pegada de quem vai tomando gosto pelo tema, que nem sempre é dos mais sedutores. Um estilo que parece ter nascido com ele, esse autor cujo nome aos poucos se tornou sinônimo de crônica. Sim, ao falar de crônica, estamos quase sempre falando de Rubem Braga.

A história destas *escolhidas* tem tempo. De começo, às *50 crônicas escolhidas* (1951) seguiram-se as *100 crônicas escolhidas* (1958), que reuniram, na verdade, 102 crônicas; mais adiante, as *200 crônicas escolhidas* (1977), que repetiram o mistério da anterior ao incluir o inesperado de outras duas crônicas de brinde. Livro sucessivamente reeditado nas décadas seguintes, ele volta agora reformulado.

É a mesma seleção, mas com o incontornável acréscimo de alguns textos de *Recado de primavera* (1984) e *As boas coisas da vida* (1988), últimas coletâneas publicadas pelo cronista. Como todas as suas outras coletâneas, as duas pertencem também ao território flutuante das antologias. Antologias que Rubem extraía de seu vasto material de imprensa, que mais destiladas ficavam quando ele se dispunha a selecionar de novo, a partir das seleções anteriores, para alcançar as tais *escolhidas*.

Em cada volume atualizado das *escolhidas*, é preciso ainda lembrar, aconteciam trocas ou acréscimos que exigiam também cortes em relação ao passado. Os motivos das trocas, como ele mesmo admitiu, eram por vezes de ordem apenas sentimental; os dos cortes, por sua vez, diziam respeito, unicamente, aos números fechados de capa – 50, 100, 200. Trabalhos de rearranjo que Rubem costumava fazer de tempos em tempos, e até da mudança de um título ele cuidou: em 1986, o livro *A cidade e a roça* passou a se chamar *O verão e as mulheres*.

Por esses e outros motivos, buscamos aqui adequar um menor número de crônicas de *A traição das elegantes* (1967) para dar lugar a outras, de *Recado de primavera* e *As boas coisas da vida*, somente agora, repito, incorporadas às *escolhidas*. No mais, a vontade do autor foi amplamente respeitada.

André Seffrin

200

crônicas escolhidas

O conde e o passarinho

SENTIMENTO DO MAR

Passo pela padaria miserável e vejo se já tem pão fresco. As jogadas e os camarões estão aqui. Está aqui a garrafa de cachaça. Você vai mesmo? Pensei que fosse brincadeira sua.

Arranja um chapéu de palha. Hoje vai fazer sol quente. Andamos na madrugada escura. Vamos calados, com os pés rangendo na areia. Vem por aqui, aí tem espinhos. Os mosquitos do mangue estão dormindo. Vem. Arrasto a canoa para dentro da água. A água está fria. Ainda é quase noite... O remo está úmido de sereno, sujo de areia. Senta ali na proa, virada para mim. Olha a água suja no fundo da canoa. Põe os pés em cima da poita. Eu estou dentro d'água até os joelhos, empurro a canoa e salto para dentro. Uma espumarada de onda fria bate na minha cara. Remo depressa, por causa da arrebentação. Fica sentada, não tem medo não. Firma aí. Segura dos lados. Não se mexa! Firme! Ôôôô... Quase! Outra onda dá um balanço forte e joga um pouco de água dentro do barco. Estou remando em pé, curvado para a direita, com esforço. A outra onda passa mansa, mansa, a proa bate n'água e avança. O remo está frio nas minhas mãos. Eu o mergulhei dentro d'água para limpar a areia. A água que escorre molha as mangas de meu paletó. O mar está muito calmo. Esse ventinho que está vindo e passando em seus cabelos é o vento da terra. O terral vem de longe, lá do meio da terra, dos matos dormentes atrás dos morros. Vem da terra escura para o mar escuro. Nós iremos com ele.

Levantei a vela encardida. O meu leme está quebrado, mas tenho o remo. Vamos um pouco beirando a praia para o norte. Agora o ventinho nos pega. A vela treme feito mulher beijada. Fica túmida feito mulher beijada. Às vezes, a força do vento diminui um pouco, e ela bambeia, amolece, feito mulher possuída. Olha lá a sua casa. Não está vendo, não? O pão está bom? Se você comer todo agora, vai ficar com fome lá fora. Me dá essa cuia, vou tirar a água da canoa. Raspo o fundo do barco, onde o cheiro forte e enjoado da maresia, esse cheiro que eu amo, embebeu para sempre o lenho. Viro um pouco a vela, sento, e passo o remo para a esquerda. O leme, assim como está, ajuda. Vamos

cortando a água maciamente... A água está cinza, escura, pesada, como óleo. O balanceio nos leva. A praia pobre ficou lá longe, com luzinhas piscando. Estamos quietos, e ela rói o pão olhando a água. A água fala alguma coisa ao batelão, lambendo seu corpo, numa ternura de velha amiga com velho amigo.

Ela está quase deitada. O frio do fim da noite, o ar cheio de água, com um cheiro úmido, me faz abrir as narinas, apaga o meu sono. Na penumbra imensa seus cabelos parecem úmidos sobre a testa morena. Nós avançamos no bamboleio manso, conversando com moleza. A sua voz me vem, atravessando o vento fraco, entre a voz da água na beira da canoa. Seu corpo, na proa, sobe e desce no horizonte... Ela está virada para mim. Contempla lá atrás a terra que vai morrendo no escuro, que é apenas um vago debrum sujo além da água. Eu olho a água. Tenho vontade de beijar a água. Beijar de leve a flor salgada da água, depois beijar com lábios úmidos, com pureza, de manso, aquela boca sob os olhos negros, sob a testa morena. Mas isso é apenas um desejo à toa sem força nenhuma, um desejo que sabe que veio à toa e que vai à toa.

Acendo um cigarro e pergunto:

— Você quer fumar?

A minha amiga não fuma, e ri. Ri muito, como se eu tivesse ficado triste muito tempo e de repente tivesse dito uma coisa engraçadíssima. Ri... Seu riso quebra, parte, destrói o encanto molengo da madrugada. É como se estivéssemos em terra e, por exemplo, fizesse sol, em uma tarde comum, ou nós andássemos depressa pela rua. Seu riso rasga a calma do mar escuro, como se o mar não estivesse soluçando sob a canoa.

Uma claridade pastosa, débil, vem lá do fundo sobre o qual o seu corpo deitado se balança. E nós conversamos animadamente, como se estivéssemos em um bonde, fôssemos a um cinema. Não estamos sozinhos no mundo, em uma canoa no meio do mar. A nossa vida não é apenas esta velha canoa, esta vela encardida e pequena, este remo úmido. Somos gente da terra, sem nenhuma evasão nem mistério. Conversamos. Eu conto histórias do mar, como se fosse um velho pescador. Ela me interrompe para contar uma coisa – uma coisa terrena, acontecida na terra, dentro de uma casa na terra, com lâmpada elétrica, onde os homens se atormentam. E eu ouço, me interesso. Desci a vela.

Vou remando, remando tão bestamente como se os músculos de quem rema não tivessem alma, como se a água rompida pelo remo não tivesse músculos e alma, como se eu jamais tivesse sentido pulsar, nas minhas veias rolando ondas, a vertigem calma do mar. Remo, não há mais encanto nenhum. Tudo vai clareando no ar e na água. Remarei, pescarei. Pedirei a ela que se levante para que eu possa descer a pedra pela proa, até sentir bater na lama. Pescarei. Se ela estiver cansada, se ela achar cacete, voltarei para terra conversando. Ela achará cacete. Ela é da terra, está viciada pela terra, e não poderia lhe ensinar meu sentimento. Meu sentimento é inútil, eu converso conversas da terra com essa filha da terra. Eu pescarei e assobiarei um samba. Eu remarei para a terra logo que ela estiver cansada do mar.

Rio, janeiro, 1935